



**UNEB ANÃNSI**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA REVISTA DE FILOSOFIA,  
SALVADOR, ISSN: 2675-8385

## Memória e Matéria: os livros de artista do Tópico Especial em Documentos de Percurso do PPGAV/UFBA 2024

### **Bruna Gonçalves Sanjuán**

Mestranda em Artes Visuais (PPGAV/UFBA)

E-mail: bruna\_sanjuan@hotmail.com

### **Flávio Rocha de Deus**

Mestrando em Filosofia (PPGF/UFBA).

E-mail: deus.flavior@gmail.com

O livro de artista, expressão artística que transcende os limites tradicionais da literatura e da arte visual, configura-se como um campo fértil para a investigação da relação entre memória e matéria. Nessa modalidade, o artista, ao criar um objeto único e pessoal, não se limita a apresentar uma obra finalizada, mas também a documentar seu processo criativo, revelando as camadas de significado que se acumulam ao longo da produção artística.

De acordo com Viga Gordilho, artista visual baiana e docente responsável pela disciplina que gerou tais obras, livro de artista é uma espécie de “linguagem que, de forma criativa e inovadora, registra o imaginário, contendo uma sequência de imagens e palavras, rompendo e expandindo o conceito e a forma de um livro tradicional”, definição esta que dialoga com teóricos do tema como Paulo Silveira, professor de História da Arte da UFRGS.

Gabriella Correia  
Livro de Artista  
2024



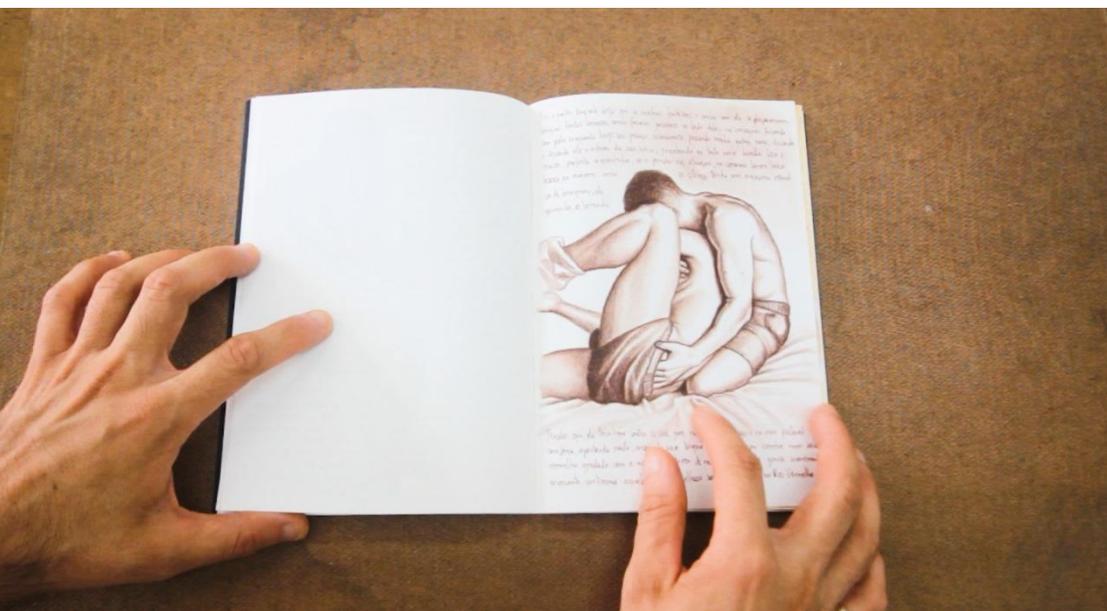


Paulo Silveira, na sinopse de *A página violada*, uma das principais obras brasileiras sobre o assunto, nos diz que “O livro de artista é um produto da arte contemporânea, construído deliberadamente a partir de um suporte preexistente, o livro, que é o seu protótipo, e ao qual louva ou faz contraposição crítica”. E, ainda de acordo com Silveira (2008, p. 47), a criação “livro de artista” não deve se confundir com “livro-obra”. Segundo ele: livro de artista é o “livro em que o artista é o autor”, e livro-obra é “obra de arte

dependente da estrutura de um livro”. Essa afirmação nos leva a considerar a dualidade inerente ao livro de artista: por um lado, ele respeita a forma “identificável”, logo, “comunicável” de um livro, por outro, desafia essa forma, expandindo suas possibilidades materiais e, consequentemente, conceituais.

Apesar de estar vinculado a esse significativo, que atribui uma específica estrutura imagética de reconhecimento, o livro de artista não se limita a reproduzir o





Alberto Escobar  
Livro de Artista, 2024



Fany Magalhães  
Livro de Artista, 2024

formato convencional do livro. Pelo contrário, essa forma é apenas uma base a partir da qual o artista explora novas maneiras de expressão. As possibilidades de materialização do livro são vastas, abrangendo desde o uso de materiais não convencionais até a subversão de suas

funções tradicionais, como a leitura e o armazenamento de informação. Assim, o livro de artista se torna um campo de experimentação, onde o formato de livro pode ser tanto celebrado e explorado quanto desconstruído, abrindo espaço para a criação de obras que desafiam as

expectativas do leitor/espectador e questionam o que realmente significa ser um “livro”. Por isso, não seria exagero concordar com Riva Castleman (1972, *apud* Silveira, 2008, p. 32) quando a historiadora da arte estadunidense afirma que o objeto *livro de artista* se mostra como um dos “mais importantes sub-produtos” da arte conceitual.

É justamente por essa plasticidade conceitual, paralela a suas possibilidades materiais, que, de certa forma, o livro de artista ocupa um lugar singular e privilegiado nos debates contemporâneos de teoria da arte. Como a artista e designer gaúcha Letícia Lampert (2015, s.p.), nos informa: “[...] o livro de artista é um objeto que causa estranheza tanto no campo da arte quanto no da bibliologia, pois não se enquadra nas normas tradicionais de nenhum deles”.

A produção de livros de artista, ao demandar do artista uma imersão profunda em seu próprio universo simbólico, proporciona um espaço proeminente para a reflexão sobre a própria identidade e a construção da memória individual. Ao materializar suas experiências, ideias e emoções em um objeto tangível, o artista não apenas registra sua trajetória, mas também a reinterpreta e a ressignifica, estabelecendo um diálogo constante entre passado, presente e futuro.

No contexto do Tópico Especial em Documentos de Percurso do PPGAV/UFBA 2024, a produção de livros de artista ganha ainda mais relevância, uma vez que essa



Adriana Fernandes  
Livro de Artista, 2024

prática se alinha com a proposta de investigar os processos criativos e as trajetórias individuais dos artistas envolvidos, valorizando a dimensão documental de suas respectivas produções.

Ao reconhecer e se apropriar de seus próprios documentos de percurso, os artistas participantes desse projeto demonstram uma consciência crítica sobre a importância de preservar e dar visibilidade à sua própria biografia, contribuindo para a construção de um acervo único e valioso para a pesquisa e para a história da arte (Cf. Coopercine, 2018).

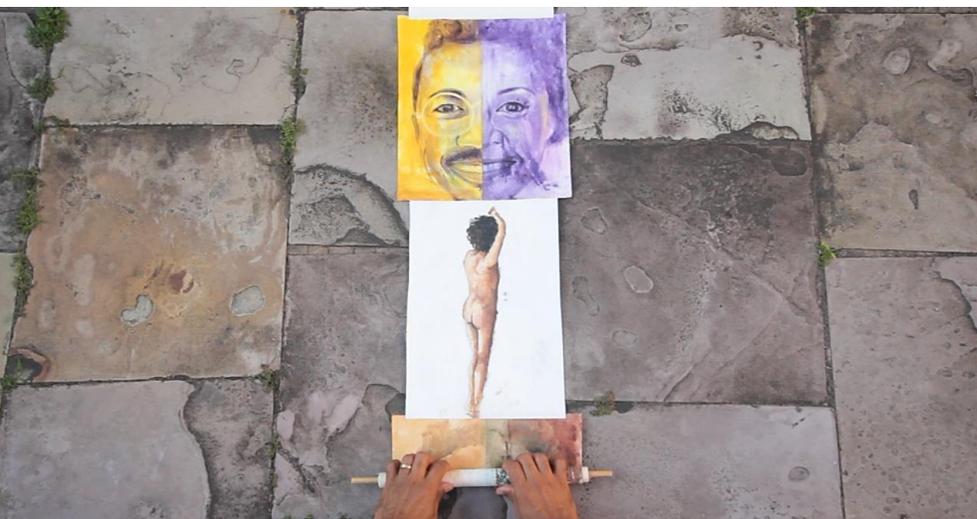


Adrienne Gallinari. Livro de Artista, 2024.

A conservação da memória faz parte da natureza humana, e essa natureza se manifesta de forma única nos livros de artista. Como um rio que deixa rastros por onde passa, o processo criativo registrado nesses livros reflete a força vital e irreprimível das experiências e emoções que moldam a identidade artística. Assim como a correnteza do rio, esses trabalhos não apenas documentam, mas também transformam as memórias acumuladas ao longo do percurso de vida do artista, revelando-as de maneira intensa e verdadeira. Como, por exemplo, pudemos

observar na doce memória frutífera de Adrienne Gallinari, que em seu livro revisita símbolos da infância para questionar e reavivar seu pertencimento a si mesma; e, de forma similar, Thiago Sansou resgata suas tradições familiares, reconstruindo, com afeto e *chita*, lembranças de três gerações.

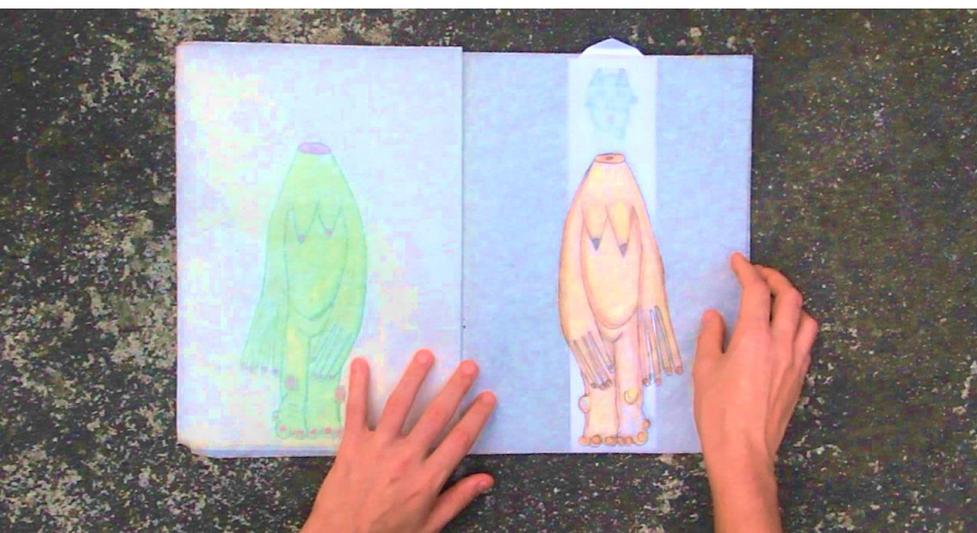
Alberto Escobar, artista salvadorenho, por meio de boas lembranças de seus *affairs* brasileiros, nos apresenta com pungência seus resíduos de afetos eróticos, revisitados pela escrita de suas memórias, que também se recriam pelos traços de seus desenhos.



Pablo Côelho  
Livro de Artista, 2024



Thiago Sansou  
Livro de Artista, 2024



Bruna Gidi  
Livro de Artista, 2024



Ana Brandão  
Livro de Artista  
2024

Thaís Medeiros, por sua vez, carimba suas lembranças com uma mistura de ancestralidade, afeto e consciência social. Seu trabalho, ao mesmo tempo que materializa o labor dos que vieram antes, também evidencia sua trajetória pessoal, cheia de infinitos, igual o mar.

Ana Brandão explora a memória corporal em práticas artísticas que transcendem os limites disciplinares; ela mostra que a dança não desloca apenas o corpo, mas também a construção sensorial do mundo que nos circula: seus movimentos subvertem a ordem e dobra as possibilidades.

Lara Carvalho materializa seu afeto ao evocar a memória de um ente querido. Os questionamentos evocados pelo seu trabalho, podem ser sentidos, mas não

necessariamente respondidos. Todo ritual, imagem e pensamento proposto pela artista acaba por trazer a mais pura presença evocada pela experiência do viver.

Bruna Gidi entrelaça o lúdico infantil com sua identidade visual adulta, explorando o poder ilimitado da imaginação. O lúdico de sua criação abrange mais do que experiências infantis, ele traz também relações de afetividades guardadas em sua memória. A potência desse dom infantil, de imaginar sem limites, é colocada a prova pela Bruna adulta que une essas memórias no *Eu*.

Essa variedade de abordagens destaca a multiplicidade de formas que a memória pode assumir em um livro de artista. Mas, o que todas essas obras têm em comum é a



Alexandra Martins  
Livro de Artista, 2024

capacidade de transformar materiais em significados, transcendendo a simples agradabilidade visual. Distante, mas ainda próximo do que Duchamp desejou com seus *readymades*, onde objetos comuns são elevados à categoria de arte pela escolha do artista; neste interim, cada livro de artista presente no Tópico Especial em Documentos de Percurso do PPGAV/UFBA 2024 representa essa mesma elevação. Aqui, o artista se torna Deus ao selecionar e transformar os materiais de seu universo simbólico.

Luciano Ramos, por exemplo, constrói esculturas móveis que facilmente remetem à estética desejada por Adolf Loos (2019) em *Ornamento e Crime*: simples, pura e funcional; o que, com os devidos contextos, Luciano faz com maestria: cria o lúdico na geometria atemporal

Alexandra Martins entrega cartas aos elementos, subvertendo a lógica do conceito de mensagem e nos levando a questionar: é possível existir uma mensagem cujos signos não estejam destinados a alguém? Pode uma carta ser, ao mesmo tempo, um diário? Sem a intenção de oferecer respostas definitivas,

a artista nos convida a revisitar a antiga prática de fazer dos elementos nossos mensageiros, sugerindo uma reconexão com essa ancestralidade comunicativa. De forma paralela, também repensando conceitos, Pablo Côelho, em seu escopo estético, demonstra como a dualidade e a ambivalência pode, de alguma forma, especialmente pelos afetos, apresentar uma unidade semântica.

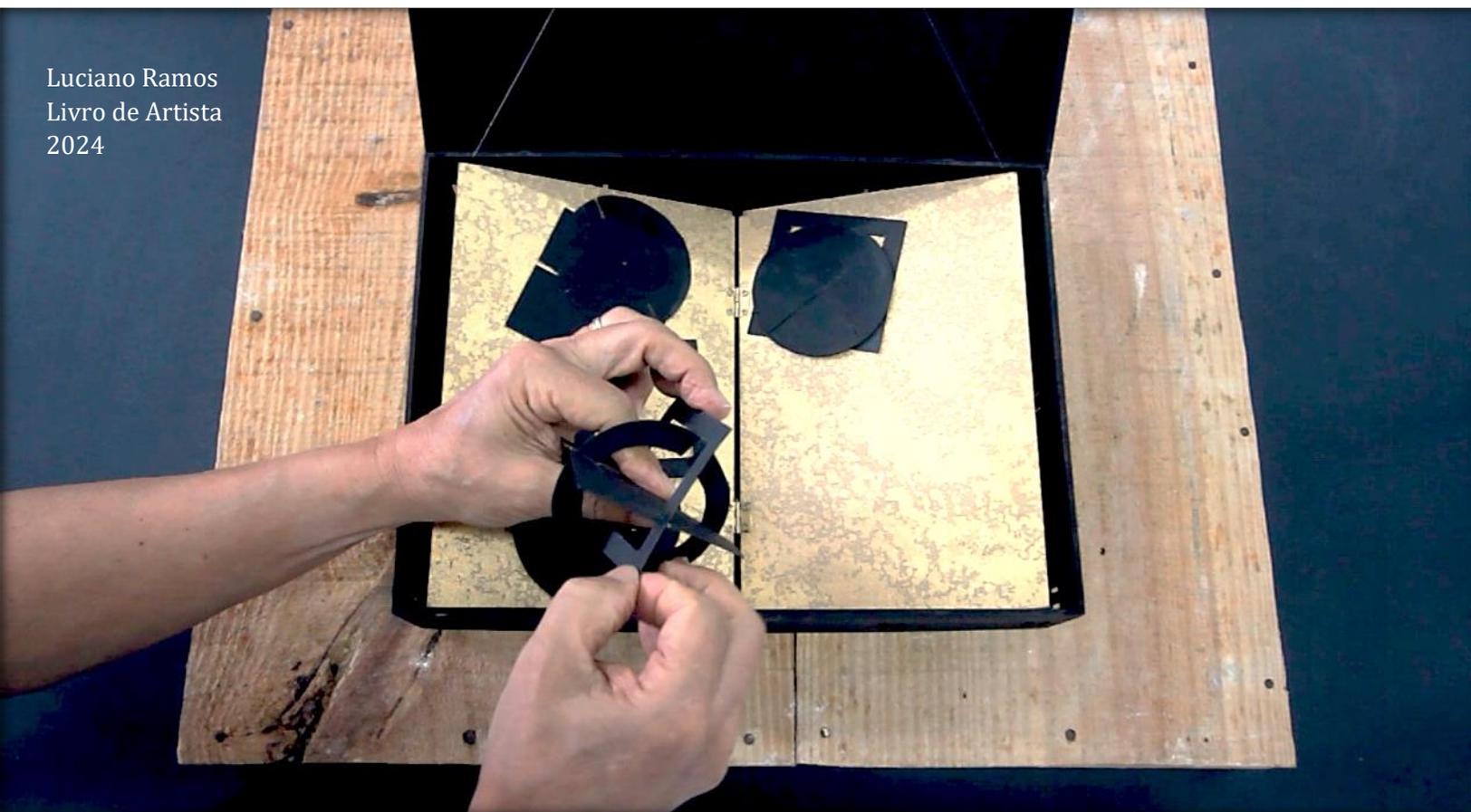
Rômulo Rosa, em uma missão iconográfica, iconológica e eutoetnográfica, por meio de suas pinturas encoradas na memória do barco de seu pai, explora as tensões entre duas Angolas, que caminham entre a opacidade do ocidente hegemônico e as cores pouco conhecidas do território ancestral.

Adriana Fernandes cria cadeiras que dialogam diretamente com a madeira, preservando a essência do material enquanto o transforma em arte. Ao compartilhar suas histórias que circulam os troncos selecionados, que se reflete no seu cuidado em preservar os aspectos das cascas, ela nos mostra que a arte pode surgir de um diálogo equitativo com a própria matéria que ainda à será.

**ANÃNSI**

ISSN: 2675-8385 – Salvador, Bahia, Brasil.  
Anãnsi: Revista de Filosofia, v. 5, n. 1, 2024, p. 185

Luciano Ramos  
Livro de Artista  
2024



Fany Magalhães utiliza embalagens descartadas para criar seu caderno e ressalta, simultaneamente, a longevidade dos materiais plásticos e a crise global de sustentabilidade decorrente desse próprio material. Aqui, ela escolhe, em sua arte, o símbolo de uma revolução na vida humana e, talvez, também de seu futuro carrasco. Com uma predileção por rótulos e marcas, ela destaca a validade impressa nesses objetos. Sua obra nos faz perceber que não se trata apenas dos meses de vida útil dos alimentos, mas dos quinhentos anos de persistência da embalagem. Será essa a eternidade desejada por todos os artistas?

Em outra perspectiva, Gabriela Correia se dedica aos retratos e à antotipia, um processo fotográfico que utiliza pigmentos naturais sensíveis à luz solar. É importante lembrar que, em todas as culturas, o ser humano sempre teve a necessidade de se representar, de se registrar, de se capturar. Essa intuição por si só seria suficiente, mas, a escolha de Gabi pela antotipia também adiciona uma lembrança à realidade da experiência de vida e da construção do Eu: obras de antotipia desbotam com o tempo, e a imagem eventualmente desaparece; existem métodos para retardar, mas, se exposta ao sol: *vai passar*.

**ANÑANSI**



Lara Carvalho. Livro de Artista, 2024

Como pudemos observar, cada um desses trabalhos exemplifica a maneira como os artistas se apropriam de seus documentos de percurso, dando origem a um acervo valioso em que, cada um, de forma pessoal, deposita um pouco de si ao grande acervo da história da arte.

Neste contexto, a produção de livros de artista não é apenas uma prática artística, mas um ato de preservação da memória e de reflexão crítica sobre o próprio fazer da Arte. Ao documentar suas trajetórias e ao reinterpretá-las, os artistas contribuem para a construção de um legado que transcende o tempo, estabelecendo uma

criação de imagem não apenas criativa, mas também temporal. Encerramos, pois, em concordância com a conclusão de Silveira (2008, p. 23): “o livro de artista é um alvo móvel, ardiloso, que só pode ser atingido por correção da paralaxe de nossa pontaria. A página é matéria plasmável por sua interação positiva com o texto e a imagem, e também porque é rasgada, furada, colada, feita, desfeita ou refeita, por mutilação ou reciclagem. A página que, às vezes, não passa de uma remissão, uma menção, uma possibilidade. Ela não deve ser confundida com uma folha solta de papel. Ela guarda consigo os sinais de ser parte de um todo”.

## Referências

COOPERCINE. **Exposição Deslimites - Livro de Artista - Viga Gordilho**. YouTube, 2018. (Vídeo, 1h28m). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CuTu0mY6Vhs>>. Acesso em 28 de ago. 2024.

LAMPERT, Letícia. Fotolivro ou Livro de Artista, eis a questão. Reflexões sobre distanciamentos e aproximações quando o livro se torna o fim na Arte e na Fotografia. **Dobras Visuais**. Disponível em: <<https://esquerdadireitaesquerda.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/12/fotolivro-ou-livro-de-artista-eis-a-questc3a3o-por-letc3adcia-lampert-dobras-visuais.pdf>>. Acesso em 28 de ago. 2024.

LOOS, Adolf. **Ornament and crime**. London: Penguin, 2019.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.